

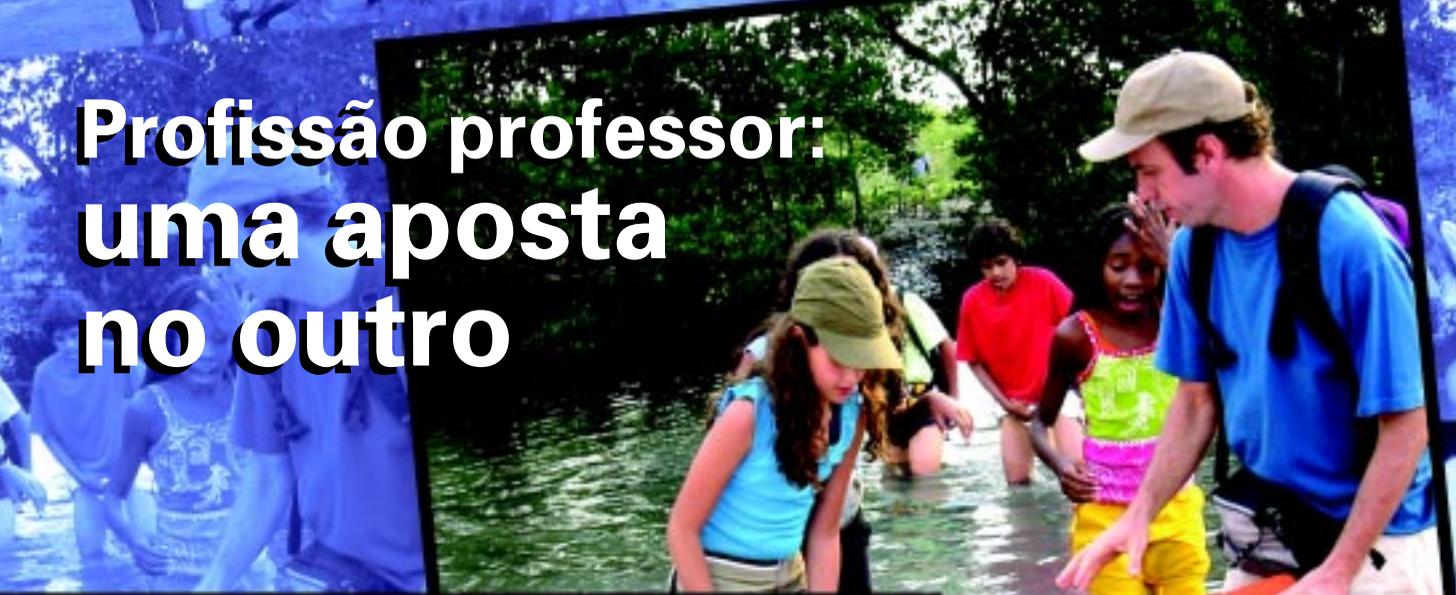
NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Profissão professor: uma aposta no outro



Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

Editorial _____	4
Professor/Professora	
Cartas _____	5
Ciep Mestre Cartola, Congresso de pais e índios Kalapalos	
Ponto e Contraponto _____	6
Pedro Benjamim Garcia e o ofício do professor	
Zoom _____	10
Água: o alerta que vem da ONU	
Atualidade _____	12
O aumento dos casos de AIDS no mundo	
Pé na Estrada _____	15
Trabalhos premiados na Mostra Século XXI	
Capa _____	18
Uma carreira que exige empenho, paixão e, sobretudo, um olhar abrangente	
Olho Mágico _____	24
O trabalho da 1ª CRE	
Professor On-line _____	25
SMA otimiza serviços	
Carioca _____	26
Revistas de época numa banca diferente	
Rede Fala _____	28
Tecnologia em sala de aula	
Caleidoscópio _____	30
Jovens e suas expressões artísticas	
Tudoteca _____	34
Tributo a Rachel de Queiroz	



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Cesar Maia - de Assis - • Sonia Mograbi - • Regina
 • Maria Inês Delorme -
 • Éliida Vaz -

• Guaira Miranda -

Alberto Jacob Filho - • Cristina Campos, Cristina
 Morel, Joanna Miranda e Suely Barreto - • Eduardo Filipe -
 Elias Moraes - • Marcelo Rocha - • Martha Neiva
 Moreira - • Nancy A. Soares e Mário J. de Oliveira - • Tania Oliveira

Gráfica Esdeva •

40 mil exemplares

Desenho de Joseilza Valéria de Souza, da Escola Municipal Maria Isabel Bivar, no Engenho de Dentro, Zona Norte



DA ESCOLA



Editorial

Professor/Professora



Sonia Mograbi

Corrente do bem

Sensibilizados pelos aniversários fúnebres de dez anos da Chacina de Vigário Geral (29/08/1993) e de dois anos do atentado do WTC, tragédias geradas pela insensibilidade e intolerância humanas, decidimos exteriorizar algo que há 17 anos estamos por falar. Somos atores que diariamente atuam em sala de aula, reinventando sua práxis. Profissionais que tiram de suas cartolas, muitas vezes surrada ou vazia também, um pouco de magia, para colorir a vida de aproximadamente 500 crianças e suas famílias moradoras das comunidades de Vigário Geral e Parada de Lucas. Profissionais com “P”, servidores prontos a ser e a servir a população, mostrando-lhes que a vida pode e deve ser bela, dependendo daquilo que semearmos e das lentes com as quais decidimos enxergar o mundo. Esse lugar existe! É um Centro Integrado de Educação Pública, mais conhecido como *Brizolão Mestre Cartola*, mantido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Está incrustado num mangue às margens da baía de Guanabara e serve de marco para a divisa das favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas, palco de uma das maiores guerras civis que o tráfico de drogas pode financiar na contemporaneidade. Entretanto, nesse mangue há muitas flores-do-campo. Por intermédio do gerenciamento de uma equipe competente e qualificada, comprometida com seus ideais de juramento feito em suas formaturas, o corpo de profissionais da educação, docentes, discentes e apoio, envolvidos no processo pedagógico do Ciep Mestre Cartola, consegue, apesar das condições mais adversas, realizar um trabalho de excelência. Acreditamos numa escola pública, democrática e de qualidade. Fazemos curativos, literal e figurativamente, que ajudam a amenizar feridas muito profundas, causadas pelo medo e a violência. Representamos um estado ativo e eficaz, em sua face/fase mais doce e suave. Cultivamos a Infância, a inocência. (...) Por conta disso, discordamos e nos sentimos extremamente desrespeitadas, aviltadas, com a declaração sem conhecimento de causa, dada pelo coordenador executivo da ONG Grupo Cultural Afro Reggae em 18/07/2003, à equipe do site Viva Favela. Publicada no Jornal do Brasil, de circulação nacional (e quiçá internacional), na reportagem *Nessa guerra só tem derrotado*, a frase dissonante “no Ciep Mestre Cartola, que fica bem na divisa das comunidades, é comum encontrar os moleques se digladiando, pessoas que cresceram ao som do tiroteio, do toque de recolher, do medo”, fornece ao leitor uma idéia errônea de total omissão do poder público, que seria capaz de permitir que aberrações INVERÍDICAS como esta ocorressem. Somos profissionais éticos e qualificados. O mínimo que solicitamos - respeito e ética profissional - pareceu não existir numa declaração infeliz, equivocada e oportunista, como a que foi dada. **(A íntegra deste texto está disponível no site da MULTIRIO, na área da revista Nós da Escola www.multirio.gov.br)**

Professores do Ciep Mestre Cartola, 4º CRE



Índios Kalapalos

Na sessão *Pé na Estrada* da Revista nº 17, na página 12, consta que os índios Kalapalos habitam a região de Parati. A informação correta é que habitam a região do Xingu. São os índios Guarani que habitam a região de Parati.

Congresso de Pais



Exercer, hoje, ofício de professor é um desafio. Desafio porque, de uma forma geral e para profissionais das mais diferentes carreiras, as condições de trabalho e vida são precárias. Além disso, educar, no sentido mais abrangente da palavra, requer empenho, dedicação e, sobretudo, uma grande disposição para vivenciar, diariamente, mudanças. Por isso, como diz Pedro Benjamim Garcia, para ser professor, “antes de mais nada tem que querer”.

Poeta, filósofo por formação, mestre em Educação e doutor em Antropologia Social, Pedro Garcia dedicou boa parte de sua vida profissional à Educação Popular. Como pesquisador do Laboratório do Imaginário Social e da Educação (Lise/UFRJ) coordenou várias pesquisas na área de formação de leitores. Nesta entrevista, ele

Profissão desejo

fala, entre outros temas, sobre a formação e o exercício da carreira docente e defende que neste ofício é importante que se tenha algumas características: “O professor tem que extrair prazer do que faz. Este desejo tem que estar aliado a uma contínua formação que, em certo sentido, é inerente a sua opção profissional. Por último, é necessário saber negociar com os alunos o formato das suas aulas, tornando-as interessantes, o que exige criatividade.”



O senhor cita três exigências da carreira de professor: o desejo, o retorno positivo e a formação continuada e, ainda, uma relação criativa com alunos. Em que medida o exercício destas práticas pode ficar comprometido por conta de questões ligadas às condições de trabalho e de vida?

As condições de trabalho do professor, hoje, são precárias. Para poder sobreviver ele assume uma carga horária muito acima da que lhe possibilita cuidar da sua própria formação. O resultado

é que ele acaba o dia exausto e sem condições de ler, pesquisar, estudar. Por outro lado, o excesso de alunos impede que conheça as características e potencialidades de cada um, tendo uma relação com um conjunto de pessoas anônimas. Além disso, para instaurar a disciplina, acaba tomando medidas coercitivas, aplicando castigos, punições que se voltam contra a escola, vítima de atos de vandalismo. Trata-se de um círculo vicioso difícil de romper. O resultado é que as aulas se tornam um sacri-

fício, tanto para os alunos quanto para o professor. Alguns, apesar de todas estas dificuldades, encontram saídas criativas. É o caso de uma professora da favela da Maré que conseguiu, por meio de histórias, contadas por ela mesma, despertar o interesse de sua turma pelo aprendizado da leitura e da escrita. Um dia ela foi surpreendida com a pergunta de uma aluna: professora, quando é que a gente vai ter aula? Para esta aluna o prazer que ela extraía desses encontros não poderia ser aula, aquela “coisa chata”.

Como a profissão de professor se insere no novo contexto do mundo do trabalho, dominado pela tecnologia e pela incerteza da continuidade de muitas carreiras reconhecidas, hoje, como de sucesso?

Vivemos em um mundo de incerteza. A incerteza acerca da profissão a ser escolhida pelo jovem é apenas uma delas. Nada é garantido. As utopias vividas nas décadas de 1960 e 70 caíram no vazio e isso criou uma cultura cínica. Hoje, mais do que nunca, é necessário acreditar que “um outro mundo é possível”. Neste sentido, é importante construir uma alternativa de possibilidade. Criar alternativas de vida em uma sociedade cujo imaginário está aprisionado pelo consumo, em que a felicidade consiste em ter, onde um tênis Nike pode ser mais valioso do que uma vida humana. Nesta sociedade,

que se convencionou chamar de neoliberal, a exclusão é a norma e poucos serão os eleitos, ou seja, aqueles que conseguirão sucesso profissional. Neste quadro de desigualdade que se acentua, é necessário repensar mudanças estruturais em que a maioria caiba no mesmo barco. Defender-se com grades, guaritas e carros blindados é uma providência inútil, que não evitará o naufrágio da sociedade como um todo. Não é necessário ser catastrofista para perceber que o espaço para a barbárie é amplo, que os anúncios nesse sentido são cotidianos. Na opção entre *eros* (vida) e *tanatos* (morte) é possível uma escolha solar. Para tanto é necessário criar condições para que a vida no planeta seja viável. Pensar inclusão num modelo de exclusão é um contra-senso.

A educação, por si só, pode dar conta de reverter essa situação? Como, dentro da escola, cada professor, cotidianamente, pode trabalhar de modo a tornar a “vida no planeta mais viável”, menos consumista, mais equânime e mais feliz?

Discursos que falam em igualdade, fraternidade, democracia, pluralidade, cidadania etc. só se realizam se praticados. A escola pode ser um espaço privilegiado para práticas que tornem a “vida no planeta mais viável” na medida em que ela mesma, enquanto instituição, se torne esse espaço de transformação. Neste sentido, são da maior importância debates acerca de temas que interessam a todos, como violência, drogas, sexualidade, relação de gênero etc. Não vou convencer um aluno machista apenas com um discurso igualitário. Ele pode até achar engraçada a fala do professor e continuar com suas idéias. Não há fórmula que conduza alguém a uma mudança de postura. Determinadas pessoas ficam impermeáveis a todo e qualquer argumento. Seja como for, é importante que todos possam expor suas idéias. Não se deve temer o conflito. Ele está presente na sociedade e é importante que a escola ofereça um espaço para que as diferenças possam se exprimir livremente. Deve-se levar em conta que o processo educativo não é linear, ou seja, o que se ganha hoje, em termos de mudança de comportamento, pode ser revertido amanhã. A educação não tem o poder de, por si só, mudar o mundo, mas tem um papel fundamental nessa mudança. Esse papel consiste em fazer emergir o potencial crítico do aluno para que ele pos- ▶

A escola pode ser um espaço privilegiado para práticas que tornem a ‘vida no planeta mais viável’ na medida em que ela mesma, enquanto instituição, se torne esse espaço de transformação

A educação não tem o poder de, por si só, mudar o mundo, mas tem um papel fundamental nessa mudança. Esse papel consiste em fazer emergir o potencial crítico do aluno para que ele possa atuar no mundo de forma criativa

sa atuar de forma criativa. Às vezes um único professor torna-se referência para toda uma turma. Trata-se de um ser raro, é verdade, mas felizmente existe.

Como a escola, a partir da relação do professor com seus alunos, pode não alimentar o modelo da exclusão?

Poderíamos imaginar o professor como um regente de orquestra que, aproveitando a potencialidade de cada um, fizesse um grande concerto. Mas isso é uma

utopia. A escola, com seu modelo de premiação e castigo, de aprovação e reprovação, acaba reproduzindo o sistema de exclusão da sociedade. Os altos níveis de repetência comprovam esta afirmativa. Para “não alimentar o modelo de exclusão” a escola deveria reverter, nela mesma, este modelo do qual é parte. Como fazer isso não sei, nem sei se é possível, já que cada instituição secreta o seu sistema disciplinar de poder, e a escola não é exceção. Foucault, em *Vigiar e punir*, faz uma análise radical sobre este processo.

Como deve se dar a formação básica do professor?

Temos que ter uma escola de pensamento. A escola deve ensinar a pensar. Exercício que concerne tanto ao aluno quanto ao professor. Assim como um atleta se exercita para ter êxito, algo análogo deve ocorrer na instituição escola. Analisar e debater questões, saber fazer a síntese de um texto, argumentar são alguns tipos de exercícios. Em geral os cursos de formação de professores são tediosos e defasados no tempo. Fixam-se mais em conteúdos ultrapassados, que pouco interessam aos alunos, do que no exercício do pensar.

Sabemos que os alunos não aprendem só na escola, mas em vários outros espaços. O senhor considera a mídia um mediador do processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores? Por quê?

Sem nenhuma dúvida a mídia é um elemento da maior importância na formação de crianças, jovens e adultos, principalmente no que concerne à inculcação de valores. As novelas, por exemplo, ao mesmo tempo em que retratam a sociedade, passam, por meio dos seus personagens, conceitos, idéias e valores que são apreendidos por esta mesma sociedade. Hoje em dia a TV está em todos os lugares e exige uma atenção mesmo daqueles que não querem vê-la.

Outro aspecto importante da mídia é a Internet, que possibilita pesquisas as mais diversas, a que um número cada vez maior de pessoas têm acesso. Isto torna ainda mais importante o que considero o ponto nuclear da escola: ensinar a pensar, o que significa olhar criticamente as informações dos meios de comunicação. No meu entender, a família, a escola e os meios de comunicação são os três grandes formadores dos sujeitos na contemporaneidade. Hoje em dia, de forma contraditória e perversa, ao mesmo tempo em que se degrada a escola é atribuída a ela a formação básica de toda a sociedade. Isto assume ainda maior relevância no caso das camadas populares, devido às condições adversas do seu cotidiano.

Caberia ao professor promover espaços de interlocução entre família, alunos e mídia? Promover diálogo constante entre alunos sobre mídia? Entre alunos e suas preferências, o que vêem ou não, o que mais gostam ou não na mídia?

Conheço um trabalho, realizado pelo Cecip, que se chama *Botando a mão na mídia*, cujo objetivo é fazer com que professores e alunos se apropriem da linguagem da mídia. Para que este aprendizado se dê, professores e alunos realizam exercícios com câmera. Um deles consistia em criar uma propaganda de um remédio miraculoso. Propaganda in-

tencionalmente enganosa que fornecia elementos críticos para se olhar algo similar na TV. Além disto, filmam uma aula, captando as atitudes e os comportamentos dos alunos e do professor. Isto permite uma troca e um debate a partir de uma outra linguagem, uma linguagem visual que possibilita discutir questões latentes no espaço escolar, questões silenciadas que aparecem por meio das imagens. Em síntese, por intermédio das imagens pode-se discutir, além da própria escola, temas como racismo, drogas, violência etc. E isto, muitas vezes, de forma descontraída e bem-humorada.

Quem pode/deve contribuir para que crianças e jovens não sucumbam às semióticas dominantes, diante do grande número de horas que, comprovadamente, ficam diante da TV?

A TV exerce uma grande sedução porque as imagens em movimento não solicitam de quem as vê maiores esforços. E a lei da inércia acaba se impondo... Caberia à escola criar alternativas igualmente sedutoras para o uso do tempo: rodas de leitura para incentivar o gosto pela literatura; projeção de filmes que levem crianças e adolescentes a uma reflexão acerca do que viram; aulas de música; torneios de xadrez... enfim, disputar com a TV o espaço que ela ocupa, sem demonizá-la, já que é possível debater temas importantes por meio de novelas e noticiários.

Em que consiste a diferença entre a prática do professor que se dedica ao trabalho com crianças e jovens daquele que trabalha com adultos e/ou jovens com passagem anterior pela escola?

Não tenho experiência de trabalho com crianças. Em relação a jovens e adultos podemos diferenciar o trabalho realizado com camadas populares, em educação popular, daquele que é feito na universidade. Na educação de jovens e adultos o principal desafio é fazer com que o aluno acredite na sua potencialidade, na sua possibilidade de aprender. E isto só é possível se ele, de fato, consegue dar passos nessa direção. Tomado este impulso a aceleração do conhecimento pode se dar de forma surpreendente. Na universidade o desafio é sair da mesmice, buscando caminhos para que o aluno possa crescer intelectualmente. Debates sobre temas da atualidade, que estão na ordem do dia, me parecem da maior relevância. Isto, no entanto, só é possível se o professor for uma pessoa inquieta, ele mesmo preocupado tanto em formar quanto em sua formação.

O que faz com que estes jovens e adultos de camadas populares queiram estudar?

Em geral costumamos pensar em camadas populares de forma genérica e homogênea. Na verdade, cada pessoa é um universo particular. Sendo assim, alguns passaram e saíram da escola, outros tiveram experiência no tráfico, um é evangélico, outro sonha ser jogador de futebol, um terceiro ou quarto ou quinto é auxiliar de enfermagem, enfim, a diversidade é a regra. O comum em todos é estarem defasados em relação ao estudo, tendo em vista a faixa etária em que se encontram e, além disso, buscarem na escola algum objetivo: melhoria de emprego, ler a bíblia, escrever o nome, ler a carta da namorada, entrar para a faculdade etc.

“Tomado o impulso que pode acelerar de maneira surpreendente o conhecimento”, como o senhor mesmo disse, estes alunos de camadas populares aspiram entrar na vida universitária?

Não só aspiram como entram. A PUC do Rio, para ficar em um exemplo, uma universidade de classe média, classe média alta e burguesia, abriga uma série de estudantes de camadas populares que passaram no vestibular desta universidade. ■

A escola, com seu modelo de premiação e castigo, de aprovação e reprovação, acaba reproduzindo o sistema de exclusão da sociedade

“Terra, planeta água?”

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu 2003 como o Ano Mundial da Água. A iniciativa buscou chamar a atenção de todos os países sobre a necessidade urgente de preservação dos recursos

hídricos. A ameaça de escassez coloca em risco a produção de alimentos, a estabilidade econômica global e favorece o surgimento de conflitos armados pelo controle dos mananciais de água doce. O sinal de alerta já foi dado e a discussão sobre a preservação e o uso racional dos mananciais de água doce se transformou em uma questão planetária.

Ano passado, aconteceram dois encontros mundiais e um brasileiro para debater como a humanidade tratará os recursos hídricos nas próximas décadas. O 3º Fórum Mundial da Água, em Kioto (Japão); o 1º Fórum Alternativo da Água, em Florença (Itália); e o 1º Fórum Social das Águas, realizado em Cotia (interior de São Paulo), mostraram as diferentes visões sobre o risco de escassez de água para a humanidade.

Um dos temas de destaque nos encontros foi o desperdício. Nas megacidades estima-se que o desperdício chegue a 50% da água distribuída. A maioria das pessoas ainda não tem consciência que os recursos hídricos são finitos e que se não combaterem o desperdício, em poucas décadas a população do planeta enfrentará dificuldades para ter acesso à água potável. Será que você é uma delas?

Nós da Escola foi às ruas para saber se a população está consciente de que a economia de água é importante. Confira!



Sei que preciso gastar menos água. Tem muita propaganda dizendo isso. No meu trabalho mudei um pouco a rotina. As plantas, que costumava regar três vezes ao dia, rego, agora, apenas uma vez. Escolho o melhor horário, ou de manhã bem cedo ou no

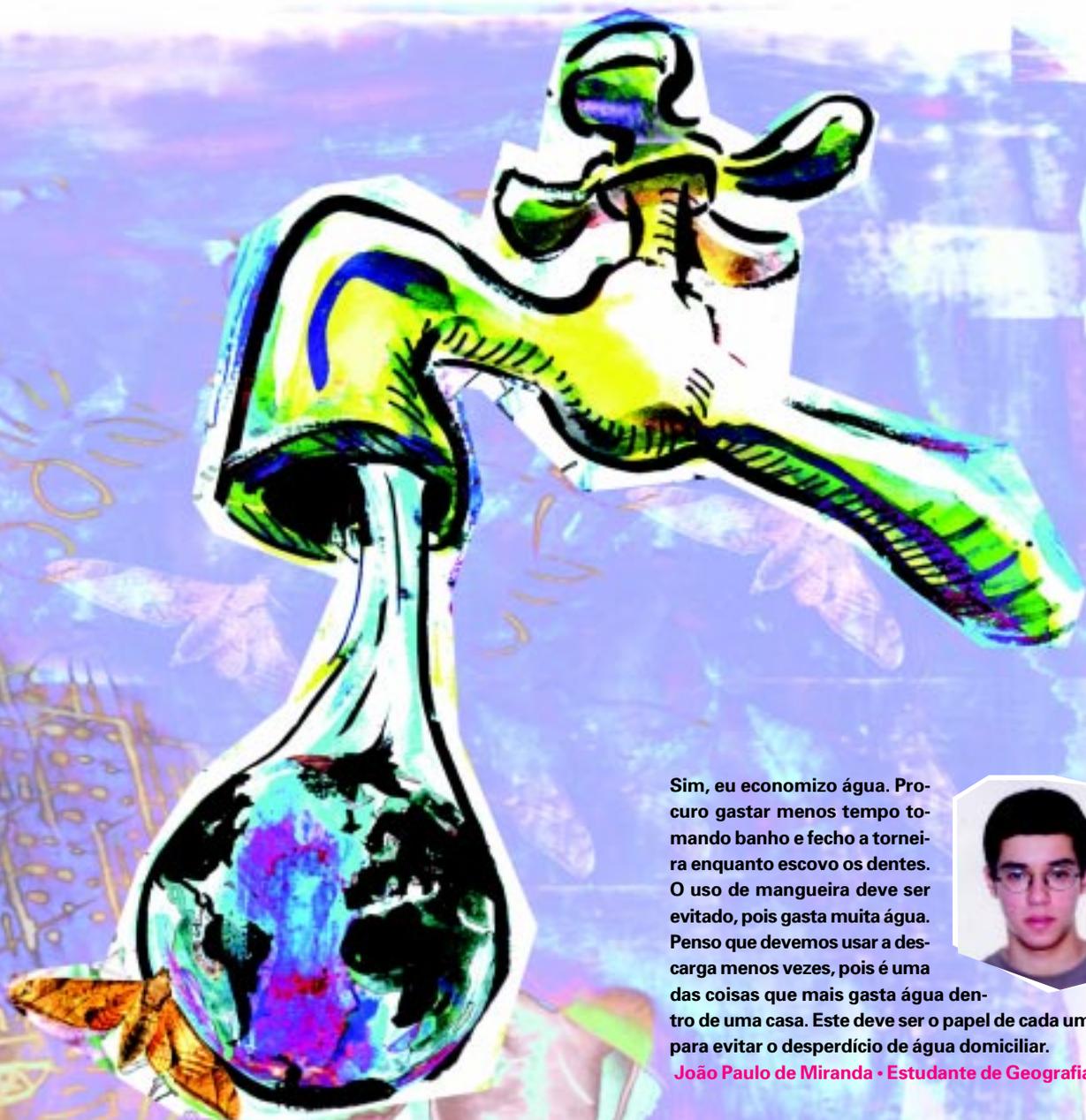
final do dia, para que as plantas não percam o viço.

Edson Nunes da Silva • Vendedor de flores



Não tem jeito, a gente tem que economizar. Aqui no prédio, a garagem que eu lavava de oito em oito dias só lavo, agora, de 15 em 15. Os carros, só com balde. Nada de mangueira ligada. Na minha casa, para falar a verdade, não economizo muito. Só acumulo a louça para lavar tudo de uma vez.

Tarcísio Alves de Oliveira • Porteiro



Sim, eu economizo água. Procuro gastar menos tempo tomando banho e fecho a torneira enquanto escovo os dentes. O uso de mangueira deve ser evitado, pois gasta muita água. Penso que devemos usar a descarga menos vezes, pois é uma das coisas que mais gasta água dentro de uma casa. Este deve ser o papel de cada um para evitar o desperdício de água domiciliar.

João Paulo de Miranda • Estudante de Geografia



Economizo água para não pesar no bolso. Tem também a história da falta d'água, que levo em consideração aqui na padaria. Oriento os funcionários para não deixarem a torneira ligada quando lavarem louça, para prestarem atenção na descarga e para lavarem a loja em dias intercalados e não mais todos os dias, como antes.

Luís Carlos Costa da Silva • Gerente



Realmente tenho economizado, até por causa da conta. Moro em casa e há algum tempo lavo o quintal uma vez por dia e durante 10 minutos, no máximo. Me preocupo também em fechar a torneira sempre que estou no banho ou escovando os dentes. Minha mulher e minha filha, se deixar, gastam o dia inteiro. Portanto, patrulho cada uma delas.

Aristeu Ramos Vieira • Vigia



AIDS: alerta vermelho

Doença avança em todo o mundo de maneira assustadora. No Brasil, a proporção de meninas, entre 13 e 19 anos, infectadas aumenta em relação ao número de meninos

Segundo o último relatório do Programa das Nações Unidas para HIV/AIDS, divulgado em novembro, os números de novos casos e de mortes provocados pela doença em todo o mundo são alarmantes. Quarenta milhões de infectados nos cinco continentes, três milhões de mortos só neste ano e cinco milhões de novos casos detectados nos últimos 12 meses. Isso indica que o vírus, que vem assustando o mundo desde o início dos anos 1980, está mais feroz do que nunca e pode ser comparado a uma arma de destruição em massa, como bem disse Kofi Annan, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

Felizmente no Brasil a situação é um pouco diferente, graças à excelência do programa nacional de combate à doença, coordenado pelo Ministério da Saúde e considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como

exemplar. Mas, apesar da queda no número de casos num contexto geral e do controle da epidemia em nível nacional, a incidência de novos infectados em determinados grupos, como os formados por adolescentes do sexo feminino, com idade entre 13 e 19 anos, está aumentando progressivamente.

O aumento da AIDS entre as meninas é um dos principais pontos abordados no último relatório nacional sobre a doença, divulgado em novembro pela Coordenação de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, do Ministério da Saúde. Segundo o boletim epidemiológico, em 2000 foram registrados 191 casos de meninas contaminadas nessa faixa etária, contra 151 meninos. No ano passado, a proporção aumentou. Foram 152 casos em adolescentes do sexo feminino contra 91 casos no sexo masculino. Nas outras faixas etárias esta proporção vem se mantendo em um por um.

Este crescimento está se consolidando devido, principalmente, à resistência ao uso de preservativos e ao início



precoce da vida sexual, com relações mais frequentes. “Apesar de um grande número de meninas usar preservativo na primeira relação, elas têm os mesmos problemas da mulher mais velha: tendem a deixar a prevenção quando a relação fica estável e também têm dificuldade de negociar o uso com seus parceiros”, afirma Paulo Roberto Teixeira, coordenador de DST e AIDS do Ministério da Saúde.

Informação - Um consenso geral entre as organizações não-governamentais (ONGs) e o governo brasileiro é que a principal arma de combate à AIDS é a informação. “A gente tem quase dez anos da última grande campanha. Apesar de a população brasileira conhecer razoavelmente a doença, a AIDS deixou de ser capa de revistas. Por isso, as pessoas que estão começando agora sua vida sexual recebem pouca informação sobre doenças sexualmente transmissíveis. Fala-se em camisinha e prevenção, mas não se vê mais o artista famoso, o desportista que tem o HIV. E passou a ser um tema muito mais relacionado às populações empobrecidas”, declarou Roberto Pereira, coordenador-geral do Centro de Educação Sexual (Cedus), em entrevista à Revista do Terceiro Setor.

“Todos concordamos que informar a população é fundamental. Mas, a questão vai

além. Nosso grande desafio é, além de informar, criar novas ações de trabalho”, conta o doutor Carlos Silva, gerente do Programa de Saúde Escolar da Secretaria Municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro.

Outro dado importante recai, paradoxalmente, sobre o eficiente programa de combate à doença realizado pelo Governo Federal. O excesso de comentários positivos, tanto aqui quanto lá fora, sobre o coquetel de medicamentos, distribuído gratuitamente aos portadores, talvez passe a idéia equivocada de que a AIDS tenha se tornado uma doença crônica, como o diabetes, por exemplo.

Reforço - Vale ressaltar que a Prefeitura do Rio tem feito sua parte no combate à AIDS, unindo esforços ao Governo Federal. O projeto *Vista essa Camisinha*, implantado em 90 unidades hospitalares pelo Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal da Saúde, oferece preservativos gratuitamente, organiza atividades educativas e possibilita o repasse de camisinhas para outras instituições que desenvolvam trabalhos com jovens. Já o projeto *Sinal Verde* estabelece parcerias entre as unidades de saúde, escolas e outras instituições para facilitar ao adolescente o acesso a anticoncepcionais, preservativos e obter apoio em casos de suspeita ou efetiva contaminação. ▶

Por dentro da doença

- A sigla AIDS vem do inglês *acquired immunological deficiency syndrome*, que significa síndrome da imunodeficiência adquirida. Foi descoberta no início de 1980, causada pelo vírus HIV, do inglês *Human Immunodeficiency Virus* ou vírus da imunodeficiência humana. Há diversos tipos de HIV, sendo os mais comuns o HIV-1 e o HIV-2. Este último é menos agressivo e faz com que os sintomas apareçam mais tardiamente. Suspeita-se que a probabilidade de uma pessoa ser infectada e o progresso acelerado da doença estejam associados a variações genéticas hereditárias.
- Tanto o HIV-1 quanto o HIV-2 infectam e destroem os linfócitos (glóbulos brancos) do tipo CD4+, responsáveis pela defesa do organismo. Com o sistema imunológico debilitado, o corpo fica vulnerável ao ataque de outros vírus e bactérias, ou seja, sujeito a infecções oportunistas. O HIV pode estar em todas as secreções líquidas do corpo, em quantidades variadas. No sangue, no sêmen e nas secreções vaginais aparece em maior quantidade. Já o suor, a lágrima, a urina e a saliva não são considerados meios de contágio relevantes, pois a quantidade do vírus encontrada é pequena.
- A origem do vírus ainda é tema de controvérsias. Alguns pesquisadores acreditam que o HIV-1 seja uma mutação de outro vírus, o SIV, que causa imunodeficiência em chimpanzés. Três teorias procuram explicar como e quando teria ocorrido a transmissão para o ser humano. A primeira sugere que o vírus teria se propagado no homem no final do século XIX e ficado restrito a uma população isolada até 1930. Pela segunda teoria, a passagem teria acontecido na década de 1930 e se espalhado imediatamente, de forma epidêmica, para outras populações. A terceira idéia propõe que a transmissão possa ter ocorrido várias vezes no decorrer da primeira metade do século XX.
- A primeira vítima comprovada da doença - que só viria a se chamar AIDS a partir de 1982 - morreu em 1959 no Congo, país localizado na costa leste africana. Os primeiros testes para revelar se o indivíduo é portador do vírus - ou seja, soropositivo - surgiram ainda na década de 1980. Hoje existem testes que detectam anticorpos contra o HIV no sangue, na urina e na saliva, mas o vírus só é identificado seis

meses após o contágio. Antes deste período o sistema imunológico ainda não percebe a presença do HIV no organismo e não produz anticorpos para atacá-lo.

- A AIDS é basicamente transmitida pelo sangue, principalmente durante transfusões sanguíneas e pelo sêmen e secreções vaginais nas relações sexuais. O uso de seringas ou instrumentos cortantes com restos de sangue contaminado também leva ao contágio. Há uma possibilidade remota de contágio por meio do sexo oral, pois o vírus presente no sêmen, se em quantidade expressiva, pode ser absorvido pela mucosa bucal. A doença pode ser transmitida também de mãe para filho durante a gravidez, o parto e a amamentação. Está totalmente descartada a transmissão por picada de insetos, bem como abraço ou aperto de mão.

- Nem todo portador do vírus da AIDS apresenta de imediato os sintomas da doença, já que o HIV pode ficar sob relativo controle do sistema imunológico humano por até dez anos. Com a progressiva falência da imunidade, surgem as primeiras manifestações clínicas da moléstia: diarreia constante, febre alta, erupções causadas pelo vírus da herpes, aumento dos gânglios linfáticos e perda de peso. Depois é comum o aparecimento das doenças oportunistas, como a pneumonia, que podem causar a morte. Num estágio mais avançado surgem certos tipos raros de câncer, como o sarcoma de Kaposi e os linfomas, além de distúrbios neurológicos, perda de memória e de coordenação motora.

- Apesar de todos os avanços da medicina e dos bilionários programas de pesquisa que hoje se desenvolvem no mundo inteiro, inclusive no Brasil, a AIDS ainda não tem cura. Mas a administração de medicamentos, entre eles o AZT e o DDI, aumenta a sobrevivência dos pacientes e proporciona períodos prolongados de melhora. Em 1996 foram anunciados os resultados do coquetel anti-AIDS, composto por uma combinação de medicamentos cem vezes mais potente que qualquer um deles utilizado isoladamente. Apesar de reduzir os sintomas da doença, o coquetel provoca efeitos colaterais, como náuseas e problemas de rins e fígado. E, se ministrado por um longo período, pode vir a causar doenças fatais, como o câncer.

Além destes projetos, o município do Rio promove a capacitação de profissionais, atividades de grupo nas unidades de saúde - onde são abordados temas como autoestima, direitos, valores, sexualidade, contracepção, violência, drogas - e outros programas que levam informação, aconselhamento, acolhimento e práticas educativas não só aos alunos da rede, como também a seus familiares.

“Nós, educadores, temos um papel fundamental no processo de conscientização. Nossos alunos devem entender que o corpo merece respeito. E neste caso, respeito significa proteger-se, usar a camisinha. A AIDS deve ser considerada por todos como uma questão de valor”, acredita o doutor Carlos Silva. “E este trabalho tem de ser iniciado já na edu-

cação infantil, para que se atinja um resultado positivo, por meio de atitudes positivas”, avalia o médico.

E como o professor da rede pode focar o tema dentro de sala de aula? Segundo a doutora Viviane Castello Branco, também da Gerência de Programas de Saúde do Adolescente, a prática educativa deve “fortalecer os fatores de proteção; propiciar o desenvolvimento de habilidades fundamentais para a promoção da saúde como a negociação, a comunicação, a tomada de decisão; propiciar a discussão sobre sexualidade; utilizar metodologias participativas que valorizem a fala dos adolescentes e envolva-os ativamente no processo; e propiciar a troca de experiências e a expressão dos sentimentos”. ■



Saiba Mais

<http://www.aids.gov.br>

<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>

<http://www.saude.rio.rj.gov.br>

<http://www.vivacazuza.org.br>

<http://www.actionaid.org.br>

Século XX1 premia projeto em mídia

Cinco trabalhos de escolas municipais se destacaram e foram apresentados durante mostra no Senai da Tijuca



O auditório do Senai da Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro, foi o palco da 1ª Mostra Troc@ndo Idéi@s com o Século XX1, com a apresentação dos trabalhos realizados pelas escolas municipais da cidade que usaram a mídia na educação e tiveram como ponto de partida os temas do site Século XX1 (www.multirio.rj.gov.br/seculo21). Cinco deles se destacaram e foram selecionados para a Mostra, realizada pela MULTIRIO em parceria com a Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação. O evento reuniu, nos dias 25 e 26

de novembro, cerca de 500 professores em palestras, debates, painéis e apresentação de projetos.

Os trabalhos selecionados foram os seguintes: **Armando a Paz no Século XXI**, da Escola Municipal Charles Dickens (2ª CRE); **Educar é Trabalhar**, ▶

Ao longo de 2003 a equipe do site **Século XXI** realizou, com professores da Rede, 21 oficinas de elaboração de projetos e oito oficinas sobre informática educativa e cidadania. Além disso, foi criado, em caráter experimental, um fórum virtual, que reúne diariamente, em discussões sobre os temas abordados no site, professores e os profissionais que produzem o site.

do Ciep Doutor Adão Pereira Nunes (6ª CRE); **Rede Barão de Televisão**, da Escola Municipal Barão de Santa Margarida (9ª CRE); **Projeto Revista Eletrônica Nossa Vez**, da Escola Municipal Telêmaco Gonçalves Maia (6ª CRE); e **Imprensa e Rádio Escolar Jovens em Ação...Contra a Violência**, do Pólo de Educação pelo Trabalho José Emygdio de Oliveira (5ª CRE).

A mostra teve o objetivo de incentivar a troca de experiências entre os professores de 5ª a 8ª séries da Rede Municipal de Ensino do Rio e dar visibilidade aos seus projetos. “Os educadores já estão entendendo que a mídia pode gerar produtos que se integram perfeitamente às práticas pedagógicas. Eles estão conscientes que educar não é somente utilizar a palavra ou um livro, importantíssimos, sem dúvida. Mas é também saber trabalhar com a mídia, criando uma forma de ensinar que gere prazer, saber, memória e maior compromisso do aluno com seu aprendizado”, conta Luiz Fernando Azevedo, coordenador de Utilização do Projeto Século XXI.

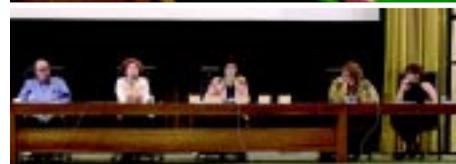
Valores - Azevedo acredita que encontros como o realizado no Senai da Tijuca são fundamentais para a troca de experiências entre os professores da rede. “A partir de iniciativas como a Mostra, nossos educadores passam a reconhecer o valor de seus pares e a querer se comunicar mais entre si. Eles também entendem que muitos projetos considerados bons são muito parecidos com os que estão desenvolvendo nas escolas. Isso lhes dá a idéia de que estão no caminho certo”, avalia.

A **Mostra Troc@ndo Idéi@ com o Século XXI** recebeu

116 inscrições. Deste total foram enviados para a Secretaria Municipal de Educação 68 relatórios de projetos, que passaram a concorrer no evento. As escolas Ministro Edgard Romero (5ª CRE) e Antenor Nascimentos (6ª CRE) foram as recordistas em números de relatórios enviados, num total de quatro projetos cada. Em seguida vieram as escolas Professor Albert Einstein (7ª CRE) e o Pólo de Educação para o Trabalho Presidente Arthur da Costa e Silva (2ª CRE), que mandaram três relatórios cada.

O júri da mostra foi formado pelas professoras Maria de Fátima Gonçalves da Cunha e Jurema Holperin, ambas da Diretoria de Educação Fundamental da Secretaria de Educação; pela professora Simone Monteiro, da Divisão de Mídia-Educação da SME; por Fernando Mozart, diretor-geral do Projeto Século XXI; e pela professora Solange Jobim, assessora da Presidência da MULTIRIO. Todos os trabalhos inscritos fizeram parte da exposição que tomou conta dos corredores do Senai da Tijuca.

Nem o imprevisto causado pela chuva, que castigou a cidade no segundo dia da mostra e deixou o auditório do Senai sem luz, tirou o brilho do evento. Ao final, todos foram unânimes em ressaltar a excelência do encontro. “Os participantes puderam constatar que a mídia não irá substituí-los em sala de aula. Que ele, professor, será sempre indispensável e que poderá ter na mídia uma poderosa aliada no processo de aprendizagem do alunado”, conclui Luiz Fernando Azevedo. ■



Projetos selecionados

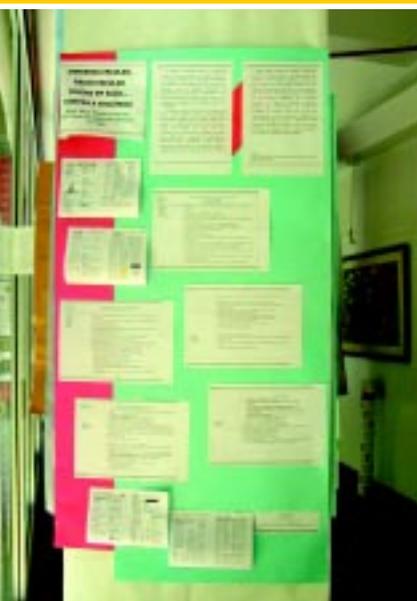
ARMANDO A PAZ NO SÉCULO XXI

REVISTA ELETRÔNICA NOSSA VEZ

EDUCAR É TRABALHAR

IMPRENSA E RÁDIO ESCOLAR JOVENS EM AÇÃO...
CONTRA A VIOLÊNCIA

REDE BARÃO DE TELEVISÃO



Ser professor: uma decisão acertada



Magistério, profissão de mulher. Há décadas ninguém duvidaria disso. Ser professora era uma das poucas opções para aquelas que desejavam ter uma carreira. No entanto, atualmente, por mais que o número de mulheres ainda seja grande na carreira docente, esta é cada vez mais uma opção masculina. O que, para a professora Ana Canen, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é extremamente positivo. "Tenho visto mais rapazes nos cursos de formação e isso é importante pois possibilita uma troca de visões de mundo que enriquece o trabalho docente". Trabalho que exige do profissional características que não têm nada a ver com questões de gênero, mas com paixão, empenho e um olhar abrangente e atento sobre o outro e sobre as constantes transformações que acontecem no mundo.

Caterina, Margarida, Dona Rosa, Dona Linda são alguns nomes de mulheres que marcaram as vidas de Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Ivan Angelo e Fanny Abramovich. Caterina foi a última professora de Marina e a que traz mais recordações alegres para sua vida. “Ela me ensinou a pintar”, diz a escritora. Margarida encaminhou e deixou Ana Maria no “ponto para ingressar na Faculdade de Letras”. Dona Rosa dava aulas de religião e acreditava que Ivan Angelo queria acabar com seu trabalho. “Foi quando eu disse que religião tinha de ser ensinada em história e deveria explicar igualmente todas as religiões, até a dos índios”, escreve o jornalista. Ao se recordar de Dona Linda, a educadora Fanny Abramovich desenha na memória um rosto severo e de cabelos enrolados. “Durona, seca, mal-humorada são os primeiros adjetivos que me ocorrem. (...) O instrumento de trabalho favorito de Dona Linda era um imenso lápis vermelho, todo-poderoso, que sublinhava erros no ditado. (...) Ainda sinto calafrios com a lembrança desse lápis inclemente”, diz a organizadora de *Meu professor inesquecível*, publicação que reúne histórias dos tempos de alunos de 12 celebridades do mundo das letras, entre elas as citadas acima.

Não é por acaso que dos 12 depoimentos do livro, pelo menos 10 tratam de lembranças de professoras, boas ou más, e não de professores. Embora muitos homens ingressem no magistério a predominância, na profissão, ainda é feminina. Os números da Secretaria Municipal de Ensino do Rio de Janeiro dão uma

idéia desta proporção: dos cerca de 37 mil docentes de Educação Infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental, 32.195 são mulheres e 4.814 são homens (dados da Secretaria Municipal de Administração/2004).

A grande quantidade de professoras nas escolas brasileiras tem razões históricas, como aponta Maria Eliana Novaes no trabalho *Professora primária, mestre ou tia*, sua tese de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais. Ela mostra que até a década de 1930 as Escolas Normais, geridas pelo Estado ou pela Igreja, e criadas em fins do século XIX, “desempenharam um papel relevante na formação profissional e na elevação da cultura da mulher brasileira”. O magistério, como ela aponta em seu estudo, era entendido como prolongamento das atividades maternas e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher. O fenômeno, segundo Ana Canen, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também acontece em Portugal. “Há uma série de pesquisas que mostram que também lá a mulher começou a ganhar o mercado de trabalho em profissões cujas atividades, de certa forma, tinham a ver com o que ela já desenvolvia em casa.”

A idéia de associar a figura feminina à mãe e à professora, que está presente no imaginário social até hoje, reforçava um projeto de Escola Normal que visasse, além da instrução da mulher, à formação de boas mães e donas-de-casa. “O currículo dessas instituições enfatizava mais os trabalhos manuais que a leitura e a escrita”, escreve Novaes em seu trabalho.

Mulher escondida - Quem já leu algo de especialistas que se debruçaram sobre a questão de gênero no magistério sabe bem que o tema não é nada simples. Não se trata apenas de analisar a associação que normalmente se faz entre a figura feminina, a mãe e a professora, mas entender as conseqüências disto para a prática pedagógica. A psicopedagoga argentina Alicia Fernández fez um estudo sobre o assunto que acabou se transformando no livro *A mulher escondida na professora*. Nele, ela investiga a subjetividade da professora e seu posicionamento frente às diferenças de gênero sexual. Alicia analisa, entre outras questões, as conseqüências que o fato de esconder, omitir ou desmentir as diferenças de gêneros sexuais acarretam para a prática docente da professora.

Seu ponto de partida foi a experiência em hospitais públicos de Buenos Aires, em que constatou que “a maioria da população infantil trazida à consulta por apresentar fracasso escolar era composta por homens”. A mesma situação se repetia nas clínicas particulares. Por mais que tivesse certeza que este fenômeno tinha origem em diferentes causas, ela não pôde deixar de fazer algumas reflexões relativas ao sistema educativo que, no seu ponto de vista, sanciona as diferenças; exige dos professores que escondam sua sexualidade e anulem sua corporeidade; situa a professora em um lugar paradoxal de “senhorita virgem e mãe”; e opõe duas idéias: “passividade-dedicação-capricho-feminilidade e atividade-▶

agressividade-rapidez-vivacidade-relaxamento-masculinidade”. Nesta perspectiva, ela afirma que não se pode encarar a aprendizagem como um processo assexuado, o que se reflete diretamente na relação que a mulher-professora estabelece com alunos e alunas.

O modelo de “bom aluno” que comumente a escola constrói coincide em muitos aspectos com os atributos culturalmente definidos para o feminino: a obediência, a submissão e a passividade. Desta forma, a agressividade, que em alguma medida é necessária para o desenvolvimento da criatividade e da curiosidade, não é considerada uma conduta “bem-vinda” no contexto escolar. “Se o professor não se permite ser criativo, ter autonomia de pensamento e fazer perguntas como será capaz de mobilizar seus alunos neste sentido?”, questiona Alicia em seu estudo.

Quanto à idéia de relacionar a figura da mulher (no caso a professora) à função materna, a pesquisadora afirma que construiu-se uma noção de que a função educativa, por ter a criança como sujeito principal do processo, seria uma extensão natural do trabalho doméstico. “Ao considerá-la de tal modo, lhe é tirado o valor de trabalho produtivo, desvalorizando a tarefa em si, e a quem a exerce”, observa Alicia Fernández. Para ela cabe aos profissionais de educação outorgar à sua tarefa “o caráter de profissão prestigiada por si mesmo e não como extensão da tarefa materna, já que deste modo perverte-se tanto o papel materno como o docente”.

Profissionalização - No Brasil, a profissionalização da função docente teve um momento significativo nos anos de 1930. Nessa época, com a necessidade de se organizar um sistema de ensino público brasileiro que, entre outras características, atendesse à grande demanda por escolas - resultado do aumento significativo, desde 1920, das massas urbanas -, o padrão de Escola Normal foi, aos poucos, sofrendo mudanças. Uma série de reformas no modelo de ensino foram implementadas. Fernando Azevedo, então diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, acreditava que era fundamental se investir na formação do professor e defendia, entre outros pontos, uma escola de formação que fosse um “templo onde os futuros professores iriam absorver a seiva do idealismo renovador, capaz de transformar a escola tradicional em uma nova escola, voltada para o trabalho e para a cooperação”. Nessa perspectiva nascia a nova Escola Normal do Distrito Federal, logo depois rebatizada por Anísio Teixeira, que sucedeu Azevedo no cargo, de Instituto de Educação.

O Instituto incorporava em um só estabelecimento a antiga Escola Normal e seus anexos, Jardim de Infância e Escola de Aplicação, dividida em escola secundária e escola de professores. Esta última constituía-se em um curso superior de dois anos com currículo totalmente voltado para a formação do magistério primário. Durante muitos anos, o Instituto permaneceu “como centro de excelência de preparação para o magistério e um referencial para todo o País. Lá formavam-se, em sua maioria, jovens moças da classe média que, de acordo

com os valores da época, “garantiriam a transmissão de valores morais e socialmente aceitos”. “Educar um homem é formar um indivíduo, educar uma mulher é formar toda uma geração” era uma das idéias propagadas pelos ideais positivistas que influenciaram fortemente a sociedade brasileira em fins do século XIX e início do século XX.

Essas meninas normalistas se constituíram na primeira geração de professoras formadas pelo Instituto de Educação. Era uma geração de elite, a quem foi entregue a missão de educar os filhos das classes populares, como aponta Sônia de Castro Lopes no artigo *Instituto de Educação do Rio de Janeiro, lugar de memória do ensino no Brasil (anos 1930/1940)*: “Conscientes de sua responsabilidade diante do projeto nacional do estado burguês que há pouco se implantara no País, essa geração de normalistas/professores(as) percebia-se como sujeito histórico daquela sociedade cambiante que possuía como marco a Revolução de 1930 (...)”.

“Lembro de minhas tias, que eram professoras primárias. Elas falavam fluentemente francês, estudavam literatura. Eram bem formadíssimas. Nessa época, as professoras eram consideradas mais cultas que um Engenheiro, por exemplo. Conheciam psicologia, filosofia etc.”, lembra-se Zélia Cavalcante, coordenadora do Centro de Estudos da Escola da Vila, em São Paulo.

Boa formação - Não há dúvidas que muitas das normalistas dos chamados anos dourados eram bem formadas, muito cultas. Diferente de suas anteces-

soras das primeiras escolas de formação de professoras existentes no País, que não tinham, por exemplo, acesso ao ensino de geometria (a matemática para elas se restringia, por lei, às quatro operações).

No entanto, este tipo de saber clássico, muito enaltecido no “senso comum”, não daria conta de muitas das questões com que, hoje, professores e alunos se deparam nas escolas. Considerando-se que a vida de todos se transforma em velocidade exponencial e que o nível de informação a que todos estão submetidos é enorme e interfere nas relações com as questões de tempo e espaço e de valores. As crianças e adolescentes não são os mesmos, as famílias não são as mesmas, os professores e seu ofício também se transformam sem parar. Os processos de aprendi-

zagem, hoje, não se restringem aos espaços e relações familiares e nem ao espaço e às relações que se desdobram na escola.

A mídia, em especial a televisão, é responsável por manter crianças, adolescentes e adultos por horas a fio como espectadores que, enquanto se entretêm com o que vêem, ficam expostos a uma variedade de comportamentos e de hábitos, modo de vestir, se relacionar, de se comportar etc. Dessa forma, o adulto-professor como um profissional atualizado e competente, sabe que à escola cabe a constituição de conhecimentos, conceitos e valores. Por conta disto, tudo o que seus alunos gostam de ver e de fazer quando estão fora da escola precisa ser discutido, avaliado e trabalhado em sala de aula.

Os professores sabem que o nível de informação a que todos estão submetidos é enorme, mas que informação por si só não é sinônimo de conhecimento. Conhecer algo implica estar apto a fazer escolhas, a tomar decisões, a ser crítico, a ouvir seu próprio coração e desejo com uma liberdade responsável. Desta forma, antigas concepções de que o professor sabe o que os alunos não sabem, de que professores seriam detentores de todos os saberes, não se sustentam mais; a figura do professor como transmissor de conhecimento perde sua razão de ser.

Conhecer não se restringe mais, também, à capacidade de armazenar informações, o que relativiza a valorização histórica da memorização de datas, números e fórmulas, de nomes etc. que perdeu por tanto tempo na escola. Para armazenar e disponibi- ▶



A relação de respeito entre professor e aluno está baseada na admiração e afeto mútuos

lizar dados e informações há os livros, os computadores etc. Conhecer pode ser entendido, então, nos dias de hoje, como capacidade de saber buscar as informações e dados necessários para poder estabelecer relações criativas, produtivas, significativas para se equacionar demandas e desejos, individuais e coletivos.

Hoje, como observa a professora Ana Canen, estão rompidas as fronteiras culturais, sociais e econômicas de todas as partes do mundo. Fato que exige que o profissional de educação desafie os preconceitos, as generalizações, as visões universais e que lide permanentemente com o multiculturalismo e com a análise crítica. O professor hoje precisa ter a dimensão das necessidades e das exigências desta profissão num contexto social, econômico e cultural que muda com uma velocidade assustadora. Isto é para muitos especialistas ter uma postura de educador, daquele que vê o sujeito humano, ao invés de apenas o aluno, e aposta na possibilidade de transformação do outro.

Não há dúvidas que levar crianças, jovens e adultos a trilharem seus próprios caminhos, a terem autoria do seu pensar, apostando não na igualdade, mas na diferença, não é tarefa fácil. Mas é possível e necessária, mais do que nunca. E exige que cada um se volte para si mesmo, como observa Ana Maria Genesca, psicopedagoga, coordenadora do segundo segmento do Ensino Fundamental do Colégio Santo Inácio e professora da Escola Estadual Heitor Lyra, que oferece o curso Normal: “Não há treinamento para ser educador. O que faço nas capacitações que dou é levar o professor a ter contato consigo mesmo para que ele resgate sua trajetória, analise sua escolha pelo magistério e reconheça que essa escolha está ligada a uma aposta na capacidade transfigurativa do outro. Não é um processo de formação pela exterioridade, é como um nascer: fazer brotar o educador que existe em cada um a partir do contato

consigo mesmo.” E, na mediação do dia-a-dia da sala de aula, esse processo vai se consolidando, se fortalecendo, no exercício de construção de um espaço dialógico durante a aula, em que a relação entre professor/aluno seja “olho no olho” e, este último (o aluno), “consiga ser reconhecido pelo nome”; e cujo objetivo não seja o conteúdo pelo conteúdo, mas o significado que ele tem para os alunos. “Mesmo com 40 alunos em sala e apenas 50 minutos de aula se consegue criar esse ambiente. É necessário, para isso, que se trabalhe de um lugar que é o da paixão pelo que se faz pelo outro”, diz Ana Maria.

Um depoimento de paixão pelo ofício de ensinar, Zélia Cavalcante, da Escola da Vila, ouviu certa vez de uma professora do interior de Pernambuco. “Era uma mulher muito magra, negra, desdentada, que tinha cursado apenas até o segundo ano do Ensino Fundamental. Ela sabia que sabia muito pouco, mas fazia o possível para dar aos seus alunos o máximo que podia. No depoimento, ela dizia algo como ‘sou subnutrida de tudo mas jogo para as crianças o que sei e quando eu vejo que eles entendem fico emocionada’”. É a idéia, como diz Zélia, que deve vigorar na escola, de o professor, da melhor forma possível, incentivar os alunos a fazerem o melhor que podem. ■



Professor e aluno: lado a lado na busca pelo conhecimento

A mulher e o ofício de professor

A cultura da sala de aula das séries iniciais é dotada de uma sensibilidade ao imprevisto e se expressa pela prática do zelo, do cuidado exercido pela professora junto a seus alunos

Muito se tem falado sobre o trabalho do professor. Seja pela mídia, seja pela literatura especializada. O que parece ser consenso é a necessidade do magistério se fortalecer do ponto de vista da sua identidade profissional, uma vez que a desvalorização social atingiu fortemente este grupo, especialmente nas duas últimas décadas. Entre as muitas análises realizadas, destaca-se a necessidade do magistério de alcançar o estatuto de uma profissão plena apoiada em um corpo consistente de conhecimentos e habilidades comparáveis a outras ocupações, como as de médico, engenheiro e advogado. Mas será que é possível estabelecer esse tipo de comparação sem levar em conta alguns elementos definidores do ofício de professor? E mais, será que o fato da categoria ser constituída majoritariamente de mulheres, no caso das primeiras séries do ensino fundamental, não confere ao trabalho uma especificidade em termos de atitudes e comportamentos? Parece que sim, pois para além dos saberes e competências que deve possuir o professor, seu trabalho se realiza na instituição escolar, marcada por um tempo e por uma cultura *sui generis* se comparada a outras profissões.

Analisando o tempo como dimensão fundamental por meio do qual o trabalho é construído e interpretado pelos professo-

res, Hargreaves (1998) traz para o debate dois quadros temporais, pensados pelo antropólogo Edward Hall, que atravessariam o campo da escola: o “monocrônico” e o “policrônico”.

Para Hall, no âmbito de um tempo “monocrônico”, os agentes concentram-se em fazer uma coisa de cada vez, em uma progressão linear, por meio de estágios bem demarcados. Concentram-se no cumprimento de prazos, existindo pouca sensibilidade para com as necessidades do momento, para com as particularidades do contexto. Nesse tempo, a conclusão das tarefas, as atividades planejadas e os procedimentos predominam sobre o cultivo das relações entre as pessoas. Típico do mundo dos negócios, das profissões liberais, das burocracias, é um tempo difundido especialmente entre os homens.

Já o mundo das professoras das séries iniciais do ensino fundamental tem um caráter profundamente “policrônico”. Mundo complexo e denso, no qual as habilidades necessitam ser dirigidas para muitas coisas ao mesmo tempo. Nesse mundo, a sala de aula é caracterizada pelo *immediatismo*, por um tempo marcado por relações interpessoais intensas que são mantidas entre um grande número de crianças, os alunos, e a professora. Trata-se de um lugar menos pontuado pela campainha ou pelo horário do que o do ensino médio e, mesmo, o das quatro últimas séries do ensino fundamental. Nele, as atividades são desenvolvidas em função do momento, residindo menos no cumprimento de prazos e mais na conclusão com sucesso das tarefas. A cultura da sala de aula das séries iniciais - cultura essencialmente feminina - é dotada de uma sensibilidade ao imprevisto e se expressa pela prática do zelo, do cuidado exercido pela professora junto a seus alunos.

Sem a pretensão de escanear o tempo de forma tão esquemática, a análise efetuada ajuda a pensar a escola, enquanto *locus* de uma cultura interacionista, fundada em modos de solidariedade e sociabilidade. Isto é,

uma cultura que, valorizando a realização e o cumprimento de tarefas, o faz respeitando o imprevisto, o contexto, sendo aberta à crítica e à inovação criteriosa. Nela, é a mulher professora aquela que melhor reúne as condições para lidar com o trabalho de maneira mais informal e prazerosa. ■

* Professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ).



Saiba Mais

HARGREAVES, A. *Os professores em tempos de mudança. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Portugal: Editora McGraw-Hill de Portugal Lda, 1998



Por dentro das CREs

A partir deste número, **Nós da Escola** estará enfocando o trabalho realizado pelas dez Coordenadorias Regionais de Educação, que formam a estrutura funcional da SME

Dentro da política de descentralização da administração municipal, as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) funcionam como uma subsecretaria, atuando próximo às comunidades escolares para atendê-las mais rapidamente em suas demandas, que envolvem os aspectos pedagógico, administrativo e comunitário da educação pública.

A 1ª CRE está localizada na praça Mauá, na região central da cidade, e sua área de atuação compreende os bairros da Gamboa, Santo Cristo, Caju, Centro, Cidade Nova, Bairro de Fátima,

Estácio, Santa Teresa, Rio Comprido, São Cristóvão, Catumbi, Mangueira, Benfica, Paquetá, Praça Mauá, Praça Onze e Saúde. São 51 escolas, 20 creches, além de quatro unidades de extensão (clubes escolares e núcleos de arte) e o casarão Amália Fernandez Conde.

“Nosso trabalho está voltado, prioritariamente, para a oferta de um ensino público de qualidade, com bom desempenho escolar de nosso aluno e a garantia de sua permanência na escola, evitando a evasão. Neste trabalho, a dimensão administrativa e o planejamento de toda a infra-estrutura estão voltados para a prática pedagógica”, conta a coordenadora da 1ª CRE, professora Olinda de Almeida Santos, que há quase 50 anos dedica-se ao magistério.

A qualidade do trabalho e o empenho profissional do pessoal da 1ª CRE podem ser conferidos no hall de entrada do prédio da Prefeitura, na Cidade Nova,



1ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: professora Olinda de Almeida Santos
Rua Edgar Gordilho, 63
Praça Mauá – Centro
Tels.: 2223-1460/2263-0108/
2253-2389/2518-2340
e-mail: cre01@pcrj.rj.gov.br

onde está exposta parte das atividades desenvolvidas pelos alunos durante a colônia de férias realizada em janeiro, sob a orientação dos profissionais da coordenadoria. “O trabalho destas crianças é a recompensa do nosso trabalho”, conta a diretora da Divisão de Educação, Lenita Cotecchia Brandão.

Para 2004 a 1ª CRE contará com duas novas escolas, além da inauguração do CREJA - Centro de Referência da Educação de Jovens e Adultos -, que vai funcionar no Centro. Mas a grande expectativa se concentra na nova sede da coordenadoria: “Estaremos instalados em um prédio próprio e maior do que o atual”, comemora a professora Olinda. ■

Trabalhos dos alunos atendidos pela 1ª CRE, dirigida pela professora Olinda de Almeida Santos (foto menor)



Benefícios em menos tempo

Descentralização de processos implantados pela SMA favorece servidores

O tempo de espera pela resposta dos requerimentos de benefícios vai diminuir. Desde o início deste ano, a Secretaria Municipal de Administração (SMA) está implantando um projeto de descentralização, que dá autonomia às secretarias para analisar todo e qualquer processo dos servidores que for relacionado à concessão de benefícios.

Até então esse trabalho ficava a cargo da equipe da SMA, que acumulava pilhas de processos para dar um parecer. “Essa iniciativa dará agilidade ao trabalho, já que cada secretaria, por meio de seu RH, estará mais próxima dos servidores. E nos deixa livres para exercermos a função que é realmente nossa, a de supervisionar e capacitar. O que vinha acontecendo é que éramos executores”, explica Eliane Bastos, coordenadora de Administração de Recursos Humanos da SMA.

Dois órgãos municipais já estão operando totalmente descentralizados: as secretarias de Saúde e Educação. São as duas maiores, segundo Eliane. Aos

poucos, e obedecendo a um calendário, as secretarias restantes começarão a trabalhar neste sistema.

Para capacitar as equipes estão sendo realizadas, desde outubro do ano passado, palestras e treinamentos. Além disso, foram preparados um manual contendo o passo a passo de toda a rotina e os formulários padronizados que devem ser usados pelo pessoal de RH, em cada situação. Estes documentos também estão disponíveis no site da SMA (www.rio.rj.gov.br/sma).

Na verdade, para o servidor a mudança acontece no tempo de espera pelo resultado da solicitação. A forma de dar entrada nos processos continua a mesma. Os servidores devem ir ao protocolo de seu órgão de lotação e preencher o formulário de requerimento para o benefício que desejam solicitar. ■

Consultas on-line



Eliane Bastos, da Secretaria Municipal de Administração

Banca mais que bacana

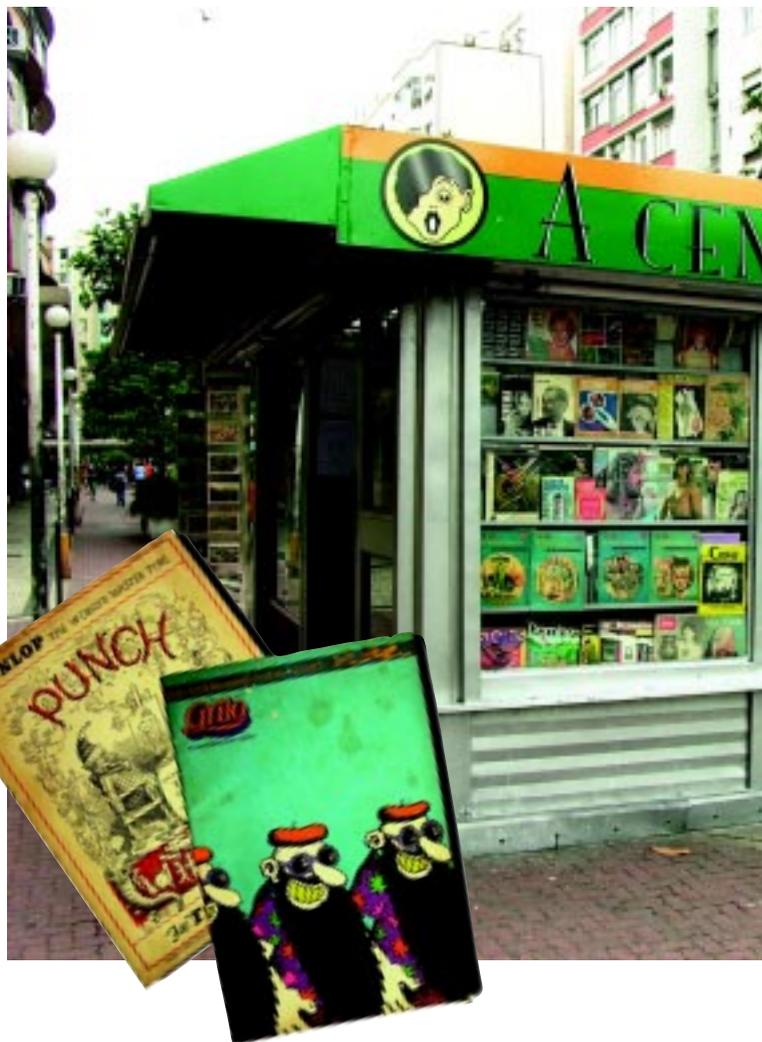
Ideal para pesquisas, “A Cena Muda” é a primeira banca da cidade especializada em publicações antigas

Uma grande e prazerosa viagem no tempo. Essa é a sensação de quem entra na banca de revistas “A Cena Muda”, instalada desde outubro em pleno coração de Ipanema, na Zona Sul carioca. Especializada em publicações de época, de 1900 até a década de 1970, a banca já virou atração à parte na Praça General Osório, mais precisamente na esquina das ruas Visconde de Pirajá e Jangadeiros. “Aqui as pessoas viajam, lembram de passagens de suas vidas, se emocionam”, conta a dona do negócio, Adda Di Guimarães, goiana radicada no Rio de Janeiro há mais de 30 anos.

A idéia de montar uma banca diferenciada surgiu em março do ano passado, mas Adda só foi encontrar um ponto disponível em julho. Quando tudo parecia estar no caminho certo, veio um banho de água fria: “Foi quando fiquei sabendo que a Prefeitura não permitia a venda de revistas antigas em bancas”. Inconformada, ela enviou, de pronto, um e-mail para o prefeito Cesar Maia explicando a situação. “Ele não só publicou um decreto viabilizando a abertura do negócio, como também disse ter adorado a iniciativa”, conta.

Sobrinha-neta da escritora e poetisa Cora Coralina (1889-1985), Adda é dona de um acervo com quase seis mil

exemplares, entre publicações nacionais e importadas. “Que vai crescer bastante, pois vou começar a vender agora publicações da década de 1980, devido à grande procura.” Entre as inúmeras raridades estão a revista “Leitura para Todos”, publicação brasileira datada de 1902, e edições do jornal francês “L’Illustracion”, de 1914, com fotos da I Guerra Mundial na capa. “Esses são al-



guns exemplos que chamam atenção, mas, na verdade, classifico todo o meu acervo como raro”, afirma.

Cinema - Em “A Cena Muda” o leitor encontra exemplares de “O Cruzeiro”, revista de variedades de grande sucesso surgida na década de 1920, “ideal para pesquisas”, segundo Adda. Ou números da prestigiosa “Senhor”, que circulou entre 1959 e 1964, com artigos de gente como João Cabral de Melo Neto e Otto Lara Resende. Entre as importadas estão “Paris Match”, “Time”, “The New Yorker” e “Life”, entre outras, além de exemplares da irreverente revista inglesa “Punch”, da década de 1930, até hoje referência para humoristas brasileiros.

Destaque também para as histórias em quadrinhos, como “Bolinha”, “Luluzinha”, “Tininha” e “Riquinho”. “Essas têm um fã-clube enorme, principalmente entre as pessoas na faixa dos 30 aos 40 anos”, conta Adda. Outras raridades são as fotonovelas produzidas na década de 1950, como a “Cine Romance”, e os álbuns de figurinhas completos, como “Bambi” e “Os Dez Mandamentos”, também da mesma época. “Mas nada supera a procura pelos gibis eróticos do Carlos Zéfiro, uma coisa!”, revela a dona da banca.

Um capítulo à parte são as revistas sobre a sétima arte, as preferidas do ator e professor de artes cênicas Júlio César Gomes. “Vim em busca de material sobre filmes americanos da década de 1930 e 40, sem dúvida a época mais rica do cinema, com todo aquele *glamour*”, conta ele, que ficou sabendo da banca há aproximadamente um mês, durante um leilão de revistas promovido por um amigo. “Apesar de morar em Jacarepaguá, fiz questão de vir conhecer a nova loja”, disse, entusiasmado com o acervo do local.

Embora a dona do negócio faça questão de ressaltar que não se trata de uma homenagem, o nome da banca remete a uma famosa revista brasileira que circulou nos anos 1920. “A Cena Muda” trazia em suas páginas mulheres gordinhas e fegosas, de espartilhos, bocas pintadas de batom vermelho e unhas roxas, um escândalo para a época. O prazer de quem lia essas revistas talvez seja o mesmo que Adda tem hoje em tocar o negócio. “É muito gratificante. Tenho o privilégio de estar fazendo o que gosto.” ■



Banca “A Cena Muda”

gem, o nome da banca remete a uma famosa revista brasileira que circulou nos anos 1920. “A Cena Muda” trazia em suas páginas mulheres gordinhas e fegosas, de espartilhos, bocas pintadas de batom vermelho e unhas roxas, um escândalo para a época. O prazer de quem lia essas revistas talvez seja o mesmo que Adda tem hoje em tocar o negócio. “É muito gratificante. Tenho o privilégio de estar fazendo o que gosto.” ■

Educação, Trabalho e Tecnologia

O aluno necessita ter contato com os diferentes recursos tecnológicos

No atual contexto, estamos vivenciando grandes e profundas transformações, ocasionadas, entre outros fatores, pelos avanços tecnológicos. Essas mudanças, que presenciávamos a partir do final do século passado, têm consequências diretas na produção e na economia, acabando por modificar, também, a forma de agir e pensar da sociedade.

A utilização da tecnologia no trabalho não é coisa nova. O homem buscou, por meio de sua percepção, experimentação e criatividade, instrumentos que iriam lhe auxiliar no desempenho de suas funções e lhe oferecer maior conforto. A história do trabalho/tecnologia é tão antiga quanto a história da humanidade, que começa, naturalmente, com objetos muito simples, dos quais o homem fazia uso. As técnicas, assim como os instrumentos tecnológicos, auxiliam o homem no desempenho

de suas funções. Isto explica a estreita relação entre trabalho e tecnologia.

No mundo produtivo, prevaleceram durante quase todo o século passado as idéias de Taylor e Ford, representadas tão jocosamente por Charles Chaplin em seu filme “Tempos Modernos”. Elas se caracterizavam, principalmente, pela rigidez, padronização, fragmentação e repetição de tarefas. Para o aumento da produtividade, os movimentos exigidos em uma determinada tarefa deveriam ser executados no menor tempo possível. Esta forma de organização do trabalho, que dava ênfase à realização da tarefa, teve muita influência no pensamento da humanidade, inclusive em práticas vivenciadas na escola, como as atividades repetitivas, padronizadas e a própria fragmentação do conhecimento, em detrimento da percepção do todo. Atualmente este modelo já não é tão presente no mundo do trabalho.

Vivemos em plena era tecnológica e a complexidade do desenvolvimento nos permite romper barreiras de espaço e tempo. Contudo, uma grande parte da população está alijada desse processo, o que gera verdadeiros analfabetos tecnológicos.

Assim sendo, a questão que se coloca é a de como trilhar um caminho solidário e menos excludente numa sociedade em que as novas tecnologias estão inseridas no contexto, fazendo parte do cotidiano, das pessoas e o domínio de sua utilização representa uma exigência no mundo atual. Estarão sendo esses recursos democratizados ou será mais um importante fator de exclusão social? São algumas das importantes indagações que necessitamos fazer se desejamos avançar rumo à superação das desigualdades sociais.

Mediante a importância que assume a tecnologia no mundo atual, a educação não pode ficar fora desta questão. Neste sentido, cabe citar o que preconiza a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no seu artigo 1º, 2º: “A educação deverá vincular-se ao mundo do trabalho e às práticas sociais modernas”.

Acreditamos ser de relevada importância propostas de políticas públicas voltadas para a implantação de projetos que viabilizem a utilização da tecnologia nas escolas. O aluno necessita ter contato com os diferentes recursos tecnológicos, que também podem enriquecer a prática docente se forem utilizados de forma adequada e criativa.

O trabalho com as novas tecnologias na escola nos remete a outro tema fundamental hoje, se quisermos caminhar na direção de uma sociedade inclusiva: a mídia. Temos observado, no município do Rio de Janeiro, importantes iniciativas, no que diz respeito à implantação de políticas que privilegiam a questão tecnológica e o uso da mídia na educação. A aquisição de televisões, aparelhos de vídeo e de som são realidades das nossas escolas. Máquinas fotográficas, câmeras de vídeo e computadores também o são em muitas outras. Na rede de ensino verificamos importantes trabalhos desenvolvidos por algumas escolas, principalmente nos das Salas de Leitura e das Unidades de Extensão, especialmente dos Pólos de Educação pelo Trabalho, onde, além da Informática Educativa, algumas unidades oferecem aos alunos oficinas de vídeo, fotografia, rádio e jornal. São trabalhos desenvolvidos por professores que ousaram enfrentar desafios e lançar-se rumo a uma prática dinâmica e inovadora. Parabéns a esses profissionais! Quem ganha com isso são nossos alunos.

Acreditar que a escola é um espaço de transformação é o que nos mobiliza e impulsiona na busca de

caminhos para uma sociedade mais igualitária e justa. A educação não pode tudo, mas com certeza representa uma grande via para a realização de sonhos. ■

Irinéa Simone Cortes Tourinho

• Orientadora Educacional da
Escola Municipal Tagore



Para sua atualização

Uma reflexão sobre a origem das diferentes imagens do nosso dia-a-dia a partir da série *CriAtividade*



Série

CriAtividade

Área de Conhecimento

A capacidade do ser humano de imaginar e planejar uma produção, seja ela material ou uma expressão artística, é uma diferença determinante do homem em relação aos outros seres vivos, que atuam de acordo com o que está previsto em seu padrão genético, satisfazendo basicamente suas necessidades vitais. Sabemos que todo ser humano precisa não só suprir necessidades vitais, mas também dar vazão a seus sonhos e desejos.

Os temas vida cotidiana, história da arte e trabalho podem ser estudados de forma articulada, pois a correlação destes temas acaba por favorecer a análise da organização social, política, ideológica, comunicativa e espacial da sociedade. Na escola nossos jovens terão as poucas condições de estabelecer uma leitura crítica de nossa história, interligando-a com a realidade do tempo em que vivem. A partir desta reflexão os alunos começam a ter condições de perceber como nossa estrutura social é complexa e onde o trabalho e as diferentes formas de arte complementam-se para produzir novas formas de *viver, sentir, pensar*, ou seja, de *ser*.

Durante muito tempo se pensou que trabalho não poderia se misturar a **atividades artísticas** ou de lazer. Na verdade,

todas as pessoas têm direito ao trabalho digno e ao lazer ligado às artes, por exemplo. E sabemos que muitos são os profissionais das artes que sobrevivem a partir do seu trabalho.

O trabalho é uma realidade que não só ocupa a maior parte do nosso tempo, como também marca profundamente nossa existência. Trabalhamos para produzir, ter poder de consumo, ganhar dinheiro, para desenvolver projetos que imaginamos ao longo da vida, para ter condições de lazer etc. O trabalho está na base de toda sociedade, estabelecendo as formas de relação entre as pessoas, entre



as classes sociais, criando relações de poder e prosperidade, determinando o ritmo do cotidiano.

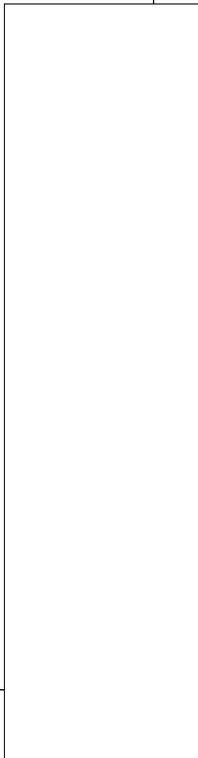
Valorizando o cotidiano escolar, não podemos deixar de chamar a atenção para o trabalho pedagógico que os educadores, em geral, devem desenvolver com seus alunos em relação às suas habilidades e potencialidades. Um bom começo para a identificação dessas potencialidades é promover situações onde crianças e jovens possam conhecer mais sobre si mesmos, sobre sua cultura e sobre a história da comunidade em que vive.

A idéia de valorizar a versatilidade e a criatividade infanto-juvenis na série *CriAtividade* pode ser melhor compreendida se considerarmos que o importante é incentivar os alunos a procurarem de onde vêm suas **imagens**, investigando quais foram ou são suas influências, inclusive para que eles possam sentir-se fortes a ponto de apropriarem-se dessas imagens, vindo posteriormente a transformá-las. Seja uma pintura, um desenho ou uma fotografia, as imagens que vemos são sempre um recorte do mundo real. Isto porque elas são produzidas por alguém que irá representar um determinado ponto de vista (daquele que está observando).

Não se esqueça

Para compreender uma imagem não basta apenas articular planos e movimentos de câmera, mas também sua significação, mensagem, contexto. Os elementos de "leitura" e composição de uma imagem vão estar sempre inseridos num contexto histórico-social. Assim, gestos, expressões, luzes, cores, efeitos serão "escritos e lidos" pelos grupos sociais de acordo com vivências, conhecimentos e sentidos a eles atribuídos. Sendo assim, não há como esgotar a riqueza comunicativa de uma imagem.

Ficha Técnica
Tipo de produção:
País:
Produção:



Seminário reuniu 3.600 pessoas no Riocentro

Em 2004, o evento contará com relatos de experiências de professores da Rede

Quem foi e gostou do I Seminário Integrado da Diretoria de Educação Fundamental (DEF), da Secretaria Municipal de Educação do Rio (SME/RJ), em novembro último, no Riocentro, pode se preparar porque em 2004 tem mais. A iniciativa foi tão bem-sucedida que a equipe da DEF já está preparando o próximo encontro. A idéia, segundo a diretora Fátima Cunha, é que o evento se realize no início de agosto, em dois dias, e trate de temas relacionados às áreas específicas, como educação, matemática, alfabetização etc. Os conteúdos dos dois dias serão diferentes e, sempre na parte da manhã, haverá palestras de caráter mais geral e, à tarde, apresentações ligadas às questões mais específicas.

Outra novidade é que relatos de experiências de professores da Rede farão parte da programação. “Pelo que observamos nas avaliações que já tabulamos - 2.500 -, os professores se sentiram bem valorizados. No próximo evento, pretendemos articular, nas mesas, a discussão conceitual com o trabalho desenvolvido por eles na escola”, informa Fátima.

Este ano participaram do seminário, cujo tema foi *Currículo e conhecimento escolar: um olhar histórico-cultural*, cerca de 3.600 professores, sendo mais da metade do público composto de professores regentes. Para o novo encontro,

o plano é aumentar o número de participantes, facilitando o processo de inscrição.

Entre os palestrantes, estavam Alfredo Veiga Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Ana Canen, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; as arte-educadoras Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins; Carmem Sanches Sampaio, da UNI-Rio; Maria Teresa Esteban, da Universidade Federal Fluminense; Roxane Helena Rodrigues Rojo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Jairo Werner Filho, da UFF e da Uerj, e Renato José de Oliveira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Abaixo está o resumo das exposições:

Revelações do corpo: estesia, conhecimento - Gisa Picosque (arte-educadora)

O encontro teve como objetivo despertar a sensibilidade para o corpo a partir de uma crítica sobre a suposta dicotomia entre ele e as emoções, característica do pensamento ocidental. A oficina se caracterizou por um resgate dinâmico do corpo em suas diferentes dimensões, limites e infinitas possibilidades: o corpo e seus sons (é ruidoso), o corpo pensante, o corpo lembra (as recordações são sempre reações físicas), o corpo gera emoções (emoção implica ação, que traz ao corpo movimento, cores, temperaturas e sensações), o corpo como mídia primária do homem (sua função comunicativa, com linguagem própria), o corpo que dá forma ao ser (e que exige alimento para si e para sua alma, conectados). Picosque falou em estesia, para referir-se “ao saber dos sentidos, em todos os sentidos, na medida em que cada corpo pode ser comparado a uma obra de arte, a um nó ou uma trama de significações vivas”. Assim, o professor que trabalha cotidianamente “com gente”, com corpo/alma e emoções, portanto, que trabalha com subjetividades em espaços coletivos (sala de aula), não pode desconsiderar a capacidade de cada aluno perceber o mundo exterior à sua maneira, por meio dos sentidos e da percepção individuais, partes inseparáveis da história, da cultura e das experiências vividas e imaginadas de cada um.

Diversidade cultural - Ana Canen (UFRJ)

A educadora enfatizou que a história e/ou a prática discursiva podem ser contadas segundo vários pontos de vista. Para ela, deve-se trabalhar o currículo de diversas formas e nunca de uma ma-

neira acabada. “O currículo não é uma unanimidade universal. Ele deve ser plural, diverso e flexível. Devemos nos abrir para o que “não é normal”, pois um mesmo tema pode e deve ser tratado por diversos olhares. Há que se levar em conta aspectos como as raízes culturais dos alunos, sua comunidade”, explica. O currículo, enfim, deve ser um formador de identidade, proporcionando a diversidade cultural em uma perspectiva transformadora.

Cultura e currículo - Alfredo Veiga Neto (UFRGS)

O autor fez uma reflexão sobre como as mudanças socioeconômicas e culturais estão atingindo um dos elementos que se situa no coração da atividade escolar: o currículo. Ele traçou rapidamente um panorama atual afirmando que, se por um lado vivemos a era da democratização da informação, da dissolução de fronteiras nacionais, com a globalização da economia e do multiculturalismo, por outro assistimos também ao aprofundamento das desigualdades. Essas mudanças, como não poderia deixar de ser, se refletem nas idéias daqueles que estão pensando a educação. Diante desse contexto, a reflexão que se deve fazer é: o que ensinar?

Avaliação: uma prática que indaga o conhecimento escolar - Maria Teresa Esteban

(UFF) e Carmem Sanches Sampaio (UNI-Rio)

Esteban e Sampaio trataram de questões práticas relacionadas à avaliação, como a possibilidade de intervenção permanente dos professores no processo de constituição de conhecimentos, a aprovação e reprovação, a avaliação no ciclo e na progressão, a aprovação automática, a oposição entre ciclo e seriação e a elaboração de relatórios de aprendizagem. Elas promoveram uma reflexão sobre a avaliação classificatória a partir das perguntas, o que as crianças aprendem e o que elas não aprendem, e apresentaram dois relatórios elaborados por professores que acompanhavam um mesmo aluno. Concluíram dizendo que a “prática de investigação não se encerra na constatação do erro, mas abre espaço para uma reflexão sobre a forma de pensar que resultou no erro”.

Leitura e escrita - Roxane Rojo (Lael/PUC-SP)

A professora fez uma reflexão sobre a construção da leitura

e da escrita na escola. Ela assume uma posição de que “não há, a não ser muito raramente, em casos clinicamente comprovados, problemas de leitura e escrita a serem enfrentados”. O que existe de fato, segundo ela, é um contexto nacional e regional onde o iletrismo e/ou os tipos e níveis de letramento, “entendidos como o não uso social amplo da modalidade escrita da linguagem”, são a norma. Ela propõe uma discussão de como “enfrentar o iletrismo na escola na perspectiva de uma educação prospectiva” e aponta as origens do problema: políticas de linguagem equivocadas que são adotadas, como as políticas de elaboração e controle de materiais didáticos e a elaboração de referenciais e propostas curriculares; propostas e métodos de ensino-aprendizagem utilizados nas práticas escolares; e, muitas vezes, concepções equivocadas de alguns professores sobre o ensino e a aprendizagem da linguagem. Para enfrentar a questão é necessário, sob seu ponto de vista, fazer dois questionamentos: que linguagem escrita ensinar para uma educação prospectiva do cidadão letrado e como ensiná-la. Um dos caminhos apontados por ela é o uso de “novos gêneros letrados de discurso, sejam eles orais (como a fala pública, o debate etc.) ou escritos (diversos tipos de cartas, o conto, o romance, o texto científico etc.).

Desenvolvimento e aprendizagem - Jairo Werner Filho (UFF e Uerj)

Foi apresentado um breve histórico da concepção social da infância, além de terem sido destacados alguns modelos científicos, como o mecanicista e o

organicista, que exerceram influência no estudo do desenvolvimento humano. O pesquisador demonstrou como estes modelos tiveram que ser ampliados, para levar em conta uma peculiaridade do ser humano que é a de se desenvolver a partir de relações sociais significativas. Foi destacada então a importância de promover situações que façam sentido para quem aprende. Vídeos ilustraram o papel do ambiente no desenvolvimento e a necessidade de, em situações avaliativas, observar as condições em que ele é realizado, os pressupostos de quem avalia e a capacidade do adulto de verdadeiramente estabelecer relação significativa com a criança. ■

À esquerda, de cima para baixo: Maria Teresa Esteban (UFF), Maria de Fátima Barcellos Silva (SME) e Adriane Soares (SME)
Foto maior: Jairo Werner Filho (UFF e Uerj)



Uma homenagem a Rachel

Esta Tudoteca é especial. É especial porque homenageia uma das mais consagradas escritoras brasileiras: Rachel de Queiroz (1910-2003). Com vários livros, peças e crônicas publicadas a romancista cearense teve logo em seu livro de estréia, *O quinze*, de 1930, a surpresa de ver seu trabalho repercutir positivamente em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Na época, aos 20 anos, ela “projetava-se na vida literária do País, agitando a bandeira do romance de fundo social”. Característica que apareceria em várias outras obras da autora. Algumas delas selecionamos para vocês. Confira!

A casa do Morro Branco

Siciliano (1999)



Memórias de menina

José Olympio (2003)

As três Marias

Siciliano (1997)

O quinze

Siciliano (1997)

O menino mágico

Siciliano (1997)

Caminho de pedras

Siciliano (1995)



Memorial de Maria Moura

Siciliano (1997)

Centro Coreográfico da Tijuca

De Pas-de-deux a street-dance, estamos construindo um espaço para todos os estilos.

www.rio.rj.gov.br

criação: SÉRIE PREFEITURA DO RIO

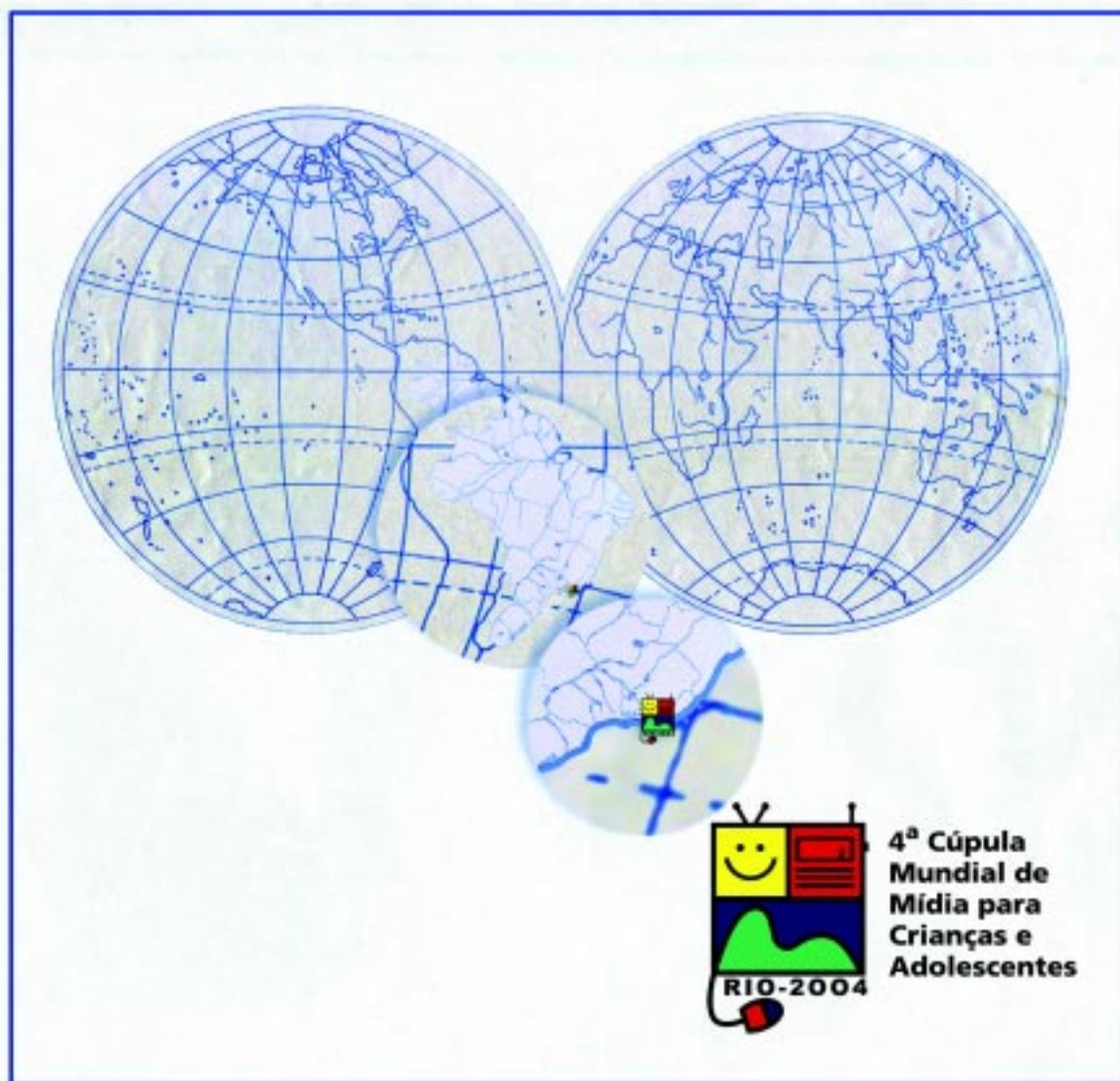
A Prefeitura do Rio está terminando de construir o maior centro de dança da América Latina, com mais de 3 mil metros quadrados de área e investimento de quase R\$ 3 milhões. O Centro Coreográfico da Tijuca será uma escola de formação de bailarinos, coreógrafas, diretores e produtores de todas as tendências e estilos de dança. Com capacidade para 100 pessoas, um Centro de Memória da Dança, videoteca, biblioteca, salas de exposição, salas de dança com piso especial, alojamentos para profissionais e professores do Brasil e do exterior, o centro é mais um espetáculo da Prefeitura do Rio. Breve, em cartaz.

TRIO



PREFEITURA

CULTURAS



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Crianças, jovens e a dimensão mídia

RIO



PREFEITURA

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

central de atendimento: (21) 2528-8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br